



A construção da história oficial a partir de periódicos: análise discursiva da *História de Monte Alegre* nas páginas de *O Tibagi*¹

Ana Flávia Braun VIEIRA²

Miguel Archanjo de FREITAS JÚNIOR³

Resumo:

A história de Monte Alegre, atual município de Telêmaco Borba – PR, apresenta controvérsias em relação a sua data de *fundação*: existem documentos datados do século XVIII que fazem menção à *região do Alegre*, entretanto, a Prefeitura Municipal aponta o ano de 1941 e o desenvolvimento urbano-industrial como marco inicial da história local. Acredita-se que essa representação tenha sido construída pelos meios de comunicação, principalmente pelo jornal *O Tibagi*. Este trabalho analisou a coluna *História de Monte Alegre*, escrita por Karl Zappert e publicada no referido periódico entre 25 de janeiro e 26 de abril de 1949, visando compreender a contribuição dessa sistematização da história local para a história oficial. Com a análise foi possível observar que os não-ditos e as ausências da coluna de Zappert em relação ao passado são também presentes no histórico organizado e publicado pela Prefeitura Municipal de Telêmaco Borba, o que é um forte indício da contribuição da coluna do jornal na construção da história oficial.

Palavras-chave:

História oficial. Jornal *O Tibagi*. Telêmaco Borba.

The official history built by newspaper: the *Monte Alegres'* History discursive analysis in the *O Tibagi's* pages

Abstract:

The Monte Alegre's history, current city of Telêmaco Borba – PR, displays controversies about its *opening date*: there is dated documents of the XVIII century that mention the *região do Alegre*, however, the City Hall presents the year of 1941 and the urban-industrial development as the local history's starting point. It's believed that this representation has been built by the media, especially the *O Tibagi* newspaper. Thus, this paper objective to analyze discursively the column *História de Monte Alegre*, written by Karl Zappert and published in that newspaper between January 25 and April 26, 1949, aiming to understand the contribution of this local history sistematization to the official history. With the analysis was possible to observe that the Zappert column's absences and unsaid relative to the past are also present in the history organized by the Telêmaco Borba City Hall, that shows the contribution of the newspaper column in the official history's construction.

Keywords:

Official history. *O Tibagi* newspaper. Telêmaco Borba.

La construcción de la historia oficial a partir de periódicos: análisis discursivo de la *Historia de Monte Alegre* en las páginas de *O Tibagi*

Resumen:

La historia de Monte Alegre, actual municipio de Telêmaco Borba – PR, presenta controversias en relación a su fecha de inauguración: existen documentos datados del siglo XVIII que hacen mención a la *región de Alegre*, sin embargo, el Ayuntamiento Municipal apunta el año 1941 y el desarrollo urbano-industrial como marco inicial de la historia local. Se cree que esa representación ha sido construida por los medios de comunicación, con destaque para el diario *O*

¹ Trabalho apresentado no 6º Encontro Regional Sul de História da Mídia (Ponta Grossa – PR, 2016) e modificado para a RBHM.

² Doutoranda em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: ana.braun@yahoo.com.br

³ Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná e professor do Programa *Stricto Sensu* de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: mfreitasjr@uepg.br





Tibagi. Así, este trabajo objetiva analizar discursivamente la columna *Historia de Monte Alegre*, escrita por Karl Zappert y publicada en el referido periódico entre el 25 de enero y el 26 de abril de 1949, para comprender la contribución de esa sistematización de la historia local a la historia oficial. Con el análisis fue posible observar que los no-dichos y las ausencias de la columna de Zappert en relación al pasado son también presentes en el histórico organizado y publicado por el Ayuntamiento Municipal de Telêmaco Borba, lo que evidencia la contribución de la columna del periódico en la construcción de la historia oficial.

Palabras clave:

Historia oficial. Diario *O Tibagi*. Telêmaco Borba.

INTRODUÇÃO

Localizado a aproximadamente 241 km da cidade de Curitiba, o município de Telêmaco Borba está situado na região centro-leste do Estado do Paraná e é popularmente conhecido como “a Cidade da Klabin” (CORAIOLA, 2003, p. 47). Esse mito fundador foi construído ao longo de várias décadas e atualmente é afirmado por meio do *Histórico de Telêmaco Borba*, publicado no *site* da Prefeitura Municipal (2017).

No *site*, a construção de uma fábrica de papel e celulose na Fazenda Monte Alegre, às margens dos rios Tibagi e Harmonia, pelos industriais que mais tarde instituiriam a Indústria Klabin, é apresentada como marco fundador da história local, iniciada em 1941. A Prefeitura refere-se à região como um sertão, onde não existiam casas ou estradas, atribuindo à indústria a ocupação daquele território, por meio de “uma verdadeira expedição do interior do Paraná” (PREFEITURA MUNICIPAL DE TELÊMACO BORBA, 2017, não paginado).

Segundo o *Histórico*, a chegada de Horácio Klabin (HK) a Monte Alegre, em 1947, na função de diretor-administrativo das Indústrias Klabin do Paraná de Celulose (IKPC), determinou

[...] a alteração do mapa do Estado do Paraná, na região sul do Brasil, construindo uma nova cidade, pois já existiam vários núcleos habitacionais na fazenda Monte Alegre e para a Indústria era muito oneroso manter todo esse pessoal dentro da fazenda que também já não atendia a demanda por mais habitações. (PREFEITURA MUNICIPAL DE TELÊMACO BORBA, 2017, não paginado).

Sobre a urbanização local e as ações de Horácio Klabin, com destaque para o Loteamento Cidade Nova, o *site* também relata a construção do Bonde Aéreo – um dos principais pontos turísticos do município – como uma forma de transporte facilitado aos trabalhadores da fábrica⁴.

⁴ Em relação às características geográficas locais, a indústria Klabin localiza-se à margem direita do rio Tibagi e o loteamento Cidade Nova, iniciado em 1952, à esquerda. O bonde aéreo foi construído para facilitar o transporte dos trabalhadores.



O último ponto abordado pela Prefeitura Municipal de Telêmaco Borba (PMTB) na organização do histórico local, sintetizado em 13 parágrafos, formados por 751 palavras, trata do processo de elevação da localidade como município independente da cidade de Tibagi: “em 21 de março de 1964 o procedimento foi sancionado pelo então governador Ney Aminthas de Barros Braga. E essa lei deu origem então ao município de Telêmaco Borba, tendo como prefeito Péricles Pacheco da Silva” (PREFEITURA MUNICIPAL DE TELÊMACO BORBA, 2017, não paginado).

Por meio dessa descrição elementar do conteúdo publicado pela PMTB é possível observar um hiato histórico entre as primeiras menções à região e a história disponível no *site*, uma vez que as primeiras menções à *região do Alegre* em documento oficial são datadas do século XVIII (FERNANDES, 1974; CORAIOLA, 2003)⁵. Essa lacuna é resultado de uma sistematização discursiva, visto que o Plano Diretor de Desenvolvimento de Telêmaco Borba, organizado pela Prefeitura e publicado em 2005, apresenta referências sobre o período anterior à industrialização. Assim, entendemos que não se trata da ausência de conhecimento da PMTB em relação ao processo de conquista e colonização do Estado do Paraná, da ocupação regional e da história do município – temas abordados pelo Plano Diretor – mas é possível acreditar que o conteúdo presente no *site* é decorrente de uma escolha, que, como todo recorte, é proposital. A partir dessas observações iniciais, questionamos: o que contribuiu para que a sistematização de uma história sancionada pela instância máxima do município tivesse início apenas a partir de 1941?

Acreditamos que a construção dessa história, que se oficializa com a chegada do empreendimento da Klabin ao lugar, tenha relação, entre outros fatores, com o jornal *O Tibagi*, um dos únicos veículos de comunicação de massa na localidade, ao lado da Rádio Sociedade Monte Alegre, também de iniciativa de HK. Entre as narrativas do periódico sobre a história local, destaca-se para esta problematização a *História de Monte Alegre*, escrita por Karl Zappert, diretor técnico da IKPC, e publicada em 1949 em forma de coluna no jornal *O Tibagi*⁶. Com o nome *História de Monte Alegre*, a coluna, composta por uma série de 13 artigos, foi publicada entre os dias 25 de janeiro e

⁵ Segundo Mercer e Mercer (1934), a partir do século XVI diversos grupos passaram e exerceram seu domínio na *região do Alegre*, como indígenas, tropeiros, bandeirantes, jesuítas e exploradores em geral.

⁶ Segundo Vieira e Freitas Junior (2017), o jornal *O Tibagi* foi um dos primeiros jornais dedicado inteiramente ao contexto local e regional, o que contribuiu para sua crescente influência na formação da memória acerca de Telêmaco Borba.

26 de abril de 1949. De acordo com o próprio periódico, o objetivo era abordar fatos da localidade, destacando “todos os detalhes de sua formação, desde o início até a presente data” (O TIBAGI, 25 jan. 1949, p. 01). Todavia, a ênfase dos escritos recai sobre os feitos industrializantes, o que pode ter contribuído para uma correspondência entre o surgimento da *nova cidade* e a indústria.

Assim, o objetivo deste trabalho é analisar discursivamente a coluna *História de Monte Alegre*, observando as relações entre ideologia, produção de sentidos e esquecimentos, buscando compreender quais os sentidos construídos por Zappert presentes na história oficial de Telêmaco Borba, publicada no *site* da Prefeitura Municipal de Telêmaco Borba⁷. Para tanto, foram realizadas leituras flutuantes em ambos os materiais, nas colunas e no conteúdo divulgado pela PMTB, que permitiram conhecer os principais núcleos de significação presentes em um e outro texto e as possíveis contribuições da coluna do jornal regional para a história oficial.

A Fazenda Monte Alegre

A implantação de uma indústria de papel no interior do Estado do Paraná requisitou o desenvolvimento de uma infraestrutura que contemplasse as principais necessidades de seus trabalhadores, sendo oferecidas moradias, escolas, hospitais, clubes, mercados e outros serviços. Os estudos de Willer (1997) permitem perceber como era o clima local. Segundo o autor, como se tratava de uma propriedade privada, havia determinadas restrições em seus usos: nos anos iniciais o direito de ir e vir era cerceado, sendo necessárias autorizações; cargas e bagagens eram fiscalizadas nas guaritas que dia e noite controlavam a entrada e saída de veículos e pessoas; eram proibidos jogos, consumo de bebidas alcoólicas e armas; havia restrições no uso da energia elétrica, com multas para quem excedesse o limite permitido; e o uso do telefone era controlado por meio de uma central (WILLER, 1997).

Com o aumento da população, tais contenções foram atenuadas, principalmente a partir de 1952, com o Loteamento Cidade Nova. Segundo Carvalho (2006), a iniciativa de deslocar os trabalhadores de Monte Alegre para o outro lado do rio Tibagi, em terras pertencentes ao Estado, foi tomada por Horácio Klabin, diretor-administrativo da indústria de sua família. Tal decisão contribuiu significativamente para a diminuição

⁷ A opção por adotar o histórico de Telêmaco Borba publicado no *site* da Prefeitura Municipal é a sua frequente utilização como fonte de consulta sobre as origens da cidade.

da população na Fazenda e também para um desordenado crescimento urbano em Cidade Nova.

Diferentemente de Monte Alegre, o acesso à Cidade Nova não era fiscalizado e por esse motivo a população foi rapidamente se multiplicando, mas o centro cultural⁸ e financeiro permaneceu, especialmente, em Harmonia, distrito onde se localizava o centro administrativo e a principal vila operária da indústria. Ou seja, Cidade Nova configurava-se como uma *cidade livre*, mas ainda dependida dos serviços disponíveis no interior da Fazenda⁹. Isso motivou discussões em relação à elevação da localidade à categoria de município, uma vez que Cidade Nova e Monte Alegre pertenciam à Comarca de Tibagi. Assim, no dia 21 de março de 1964 foi instalado o município de Telêmaco Borba, que teve como primeiro prefeito eleito Péricles Pacheco da Silva, ex-superintendente administrativo da IKPC.

Por meio das fontes bibliográficas utilizadas para a apresentação do contexto local, é possível compreender que existiam dificuldades de comunicação entre Monte Alegre e o mundo exterior (WILLER, 1997; CARVALHO, 2006). Nesse sentido, foi oportuna a iniciativa de Horácio Klabin na criação de um periódico para a população local e regional, que, a partir de 1948, passou a ter acesso às informações de dentro e fora da Fazenda Monte Alegre por meio do jornal *O Tibagi*.

Aspectos teóricos e metodológicos para o trabalho com fontes jornalísticas

A utilização dos jornais como fontes para a produção de conhecimento é relativamente recente no Brasil, datando da década de 1970¹⁰. Nesse período ocorreram transformações na compreensão do que é e como se faz História. A partir de uma perspectiva interdisciplinar, a prática historiográfica abriu-se a novos conceitos, métodos e fontes. Em decorrência desse movimento, os questionamentos anteriores acerca da ausência de objetividade nas fontes jornalísticas foram ressignificados¹¹,

⁸ As leituras realizadas do jornal *O Tibagi* permitem inferir que a vida cultural na Fazenda Monte Alegre era, de certa forma, movimentada: havia dois cinemas, *shows* e programas de rádio com a participação da plateia, jogos e práticas esportivas nos clubes locais, bailes e matinês, associações como o *Lions Clube*, missas e práticas religiosas, entre outras.

⁹ Carvalho (2006) afirma que a energia elétrica e, de certa forma, o serviço de telefonia e o abastecimento de água ainda eram providenciados pela Klabin, dando continuidade a uma relação de dependência.

¹⁰ O início das discussões no campo da História sobre sua abertura às novas fontes e possibilidade de pesquisa se deu com maior ênfase a partir de 1929, com o movimento historiográfico francês conhecido no Brasil como Escola dos Annales.

¹¹ Segundo Luca (2005), por muito tempo o que se colocava a respeito das fontes dizia respeito a sua subjetividade. Assim, por um longo período os jornais foram utilizados como fontes secundárias, apenas



resultando em uma mudança de concepção: não interessava somente saber o que os documentos diziam, mas como diziam (LUCA, 2005). Com o entendimento de que o conteúdo da imprensa é controlado, o fator que gerava desconfiança é o que hoje legitima seu uso como fonte histórica: “A escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social” (CAPELATO; PRADO, 1974 *apud* LUCA, 2005, p. 118)¹².

Sobre esse aspecto, é importante ressaltar que no período de publicação da coluna aqui analisada, os meios de comunicação brasileiros passavam por transformações que construíram uma visão da sociedade sobre a imprensa. No caso do jornalismo, houve um movimento de valorização da informação, que historicamente pode ser entendido como a construção do ideal de objetividade. A *verdade* transformou-se em uma obsessão, já que era um momento de “autonomização do campo jornalístico em relação ao literário, fundamental para a autoconstrução da legitimidade da própria profissão” (BARBOSA, 2007, p. 150).

A credibilidade na exposição dos fatos que o jornal foi ganhando socialmente desde o início do século XX – a partir das narrativas organizadas pela própria comunidade jornalística – teve sua consolidação por volta da década de 1950. Barbosa afirma que essa mítica foi “fundamental para dar ao campo lugar autônomo e reconhecido, construindo o jornalismo como a única atividade capaz de decifrar o mundo para o leitor” (BARBOSA, 2007, p. 150). O discurso jornalístico fez entender sua prática como uma espécie de apropriação exata da realidade. Nesse contexto, a eficácia do jornal *O Tibaigi* na construção de sentidos em relação à história local relacionava-se às convenções de veracidade supracitadas. Segundo Barbosa (2007), tais convenções contribuíram para que o jornalismo fosse acreditado como verídico por antecipação (BARBOSA, 2007). Assim, mesmo as narrativas de caráter pessoal e opinativo, como os escritos de Zappert, ganharam autenticidade porque publicadas em um jornal.

como confirmação de uma informação já obtida em outro tipo de fonte tida como “imparcial”. Atualmente, sabe-se que até mesmo as fontes tidas como oficiais, portanto, “verdadeiras”, foram escritas por alguém e para alguém, deixando ali inscritos seus valores e crenças, entre outros. Para Luca, objetividade é um “atributo que, de fato, nenhum vestígio do passado pode ostentar” (LUCA, 2005, p. 116).

¹² CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Ligia. **O bravo matutino**: imprensa e ideologia no jornal *O Estado de S. Paulo*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.



Segundo Luca (2005), para trabalhar com fontes periódicas faz-se necessário: encontrar as fontes e construir uma longa e representativa série; localizar as publicações na história da imprensa; atentar para as características de ordem material; assenhorar-se da forma de organização interna do conteúdo; caracterizar o material iconográfico presente, atentando para as opções estéticas e funções cumpridas por ele na publicação; identificar as fontes de receita, o grupo responsável pela publicação, os principais colaboradores e a população para o qual se destinara; e analisar todo o material de acordo com a problemática escolhida. Assim, tendo em vista as considerações da autora, seguem as características essenciais do periódico, que auxiliarão na compreensão dos sentidos produzidos pela coluna *História de Monte Alegre*.

Características elementares do jornal *O Tibagi*

Em relação às características elementares do periódico, a primeira edição do jornal *O Tibagi* foi publicada em seis páginas em 23 de novembro de 1948. De acordo com Coraiola, “nos seus quase 50 anos de existência, foi o registro escrito da história local e regional, tendo guardado em suas páginas toda a cronologia dos fatos que construíram o atual perfil da Capital do Papel” (CORAIOLA, 2003, p. 193).

O Tibagi era produzido e impresso em prédio próprio, longe das edificações onde ocorria a fabricação de papel, no entanto, era totalmente vinculado à indústria: seus funcionários eram contratados pela Klabin, mesmo que não trabalhassem diretamente em suas dependências (SEU J., 2014, informação verbal)¹³. No início das publicações, o jornal possuía a tiragem de 500 exemplares semanais (1948-1949, 23 nov. 1959, p. 02). Esse número foi progressivamente aumentando, conforme a demanda de leitores. As edições eram, em sua maioria, impressas em tinta preta. A questão do papel para a imprensa, tão cara aos periódicos, não era uma dificuldade efetiva enfrentada pelo jornal *O Tibagi*, posto que o material necessário para sua impressão era produzido na IKPC.

O jornal era rico em elementos gráficos e imagens. Era recorrente a impressão de fotografias locais seguidas de legenda explicativa. Os usos das imagens no jornalismo foram trabalhados por Barbosa, a qual mostrou que esse recurso “constrói paulatinamente o seu caráter aparentemente objetivo, fazendo com que sejam olhadas como espécies de janelas e não como imagens” (BARBOSA, 2007, p. 32).

¹³ Entrevista concedida por Seu. J. a Ana Flávia Braun Vieira, em 24 de janeiro de 2014, em Telêmaco Borba – PR.



Em *O Tibagi* eram propagandeados os principais fornecedores da Klabin (FERNANDES, 1974, p. 127): empresas aéreas, companhias de seguro, fábricas de bebidas e dos mais variados gêneros alimentícios, lojas e mercados, entre outros. Segundo o próprio hebdomadário, o número elevado de anunciantes demonstrava o prestígio do jornal: “A parte de anúncios diz bem, por si só, do conceito em que é tido O TIBAGI, não só em Monte Alegre como no Estado inteiro, e, mesmo, em muitas partes do Brasil” (23 DE NOVEMBRO..., 23 nov. 1954, p. 01).

As edições variavam entre 04 e 08 páginas e abordavam temas de interesse da comunidade, com destaque para os acontecimentos locais. Sobre as características do periódico, sua redatora social escreveu:

Como semanário, O TIBAGI não pode ter o caráter sensacionalista dos diários, que em cada vinte e quatro horas selecionam as ocorrências e as transmitem com atualidade. Temos que desempenhar a dupla função de noticiário e revista, com assuntos do momento e da semana. Não podemos remontar fatos passados e forçados a diminuir a parte noticiosa, procuramos satisfazer o leitor com uma leitura variada. (O TIBAGI..., 23 nov. 1951, p. 02).

O hebdomadário publicava notícias sobre os últimos acontecimentos do país e do exterior nas colunas fixas *Última Hora* e *Crônicas Internacionais* e apresentava questões domésticas nas *O que sabe dos homens e das mulheres* e *Já conhecia este prato?*. Existia também uma página exclusiva para esportes e outra para as questões sociais locais, na qual eram abordados eventos como casamentos, batizados e festividades em geral. Além das páginas e colunas fixas, existia grande espaço reservado para poesias e crônicas.

Por apresentar-se com o objetivo de “dar aos seus leitores o que há de melhor em produção literária” (HOMENAGEM, 15 dez. 1962, Segundo Caderno, p. 02), teve como colaboradores frequentes membros da Academia de Letras José de Alencar, Academia Feminina Espírito Santense de Letras, Academia Paranaense de Letras, Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno, Centro Cultural Euclides da Cunha e Centro de Letras do Paraná. Entre os nomes paranaenses mais recorrentes em contribuições, destacam-se a poetisa Helena Kolody e o jornalista, poeta e escritor Rodrigo Junior.

O Tibagi não contava com profissionais, com exceção de Hellê Vellozo Fernandes, que iria se graduar em jornalismo na década de 1960. Era “fruto do entusiasmo de uma equipe heterogênea, dum senhor de indústria idealista, dum médico polonês, duma professora brasileira, dum advogado poeta, duns jornalistas amadores de coração” (1948 – 1959, 23 nov. 1959, p. 02). O corpo editorial permaneceu o mesmo no





recorte temporal desta pesquisa: Horácio Klabin como diretor-fundador, Cacildo Batista de Arpelau como subdiretor, João Marendá como redator-chefe e Hellê Vellozo Fernandes como redatora das Sociais-Literárias.

Mesmo apresentando um discurso a respeito da não-profissionalização de seus colaboradores, o próprio semanário se representava como “um jornal completo, com tôdas as características de um grande órgão de nosso país. Um patrimônio para a imprensa nacional” (UM ANO..., 23 nov. 1949, p. 01). Talvez por ser do interior e escrever para um público bastante específico, *O Tibagi* não seguisse à risca o modo de fazer jornalismo das grandes empresas, mas é possível afirmar que havia um intercâmbio entre as práticas de jornalismo dos grandes centros e as realizadas em Monte Alegre, uma vez que Hellê Vellozo Fernandes trabalhou na imprensa da capital, atuando em periódicos como *Diário do Paraná*, *Gazeta do Povo* e *Diário da Tarde*.

Em relação aos aspectos financeiros do periódico, não foram encontradas informações acerca de seu capital inicial. Todavia, Fernandes (1974) tributa a Horácio Klabin um programa de inovações em Monte Alegre, do qual a organização de *O Tibagi* fez parte. Acreditamos que o jornal tenha recebido os investimentos primários de HK e a manutenção sido feita por meio da publicidade, dado o número elevado de anunciantes. Ainda sobre os aspectos financeiros, o periódico com frequência enfatizava que seu lucro líquido era destinado à Assistência Social de Monte Alegre.

Karl Zappert e a coluna *História de Monte Alegre*

O engenheiro austríaco Karl Zappert foi contratado pela Klabin para auxiliar na montagem da fábrica. Nascido em Viena no ano de 1902, Zappert estudou na Escola Politécnica da Universidade de Viena e trabalhou como operário em fundições de aço e fábricas de máquinas até se graduar, em 1925. Já formado, adquiriu sólida experiência ao trabalhar em companhias renomadas em seu país (FERNANDES, 1974). Anos mais tarde, em exílio na Inglaterra, por ocasião do nazismo e da Segunda Guerra Mundial, prestou colaboração como consultor técnico para diversas fábricas de papel. De acordo com *O Tibagi*, Zappert trabalhou no projeto e execução do planejamento da fábrica (MARENDÁ, 23 nov. 1956, p. 01, Terceiro Caderno).

Em reportagem apresentando dados biográficos de Zappert, *O Tibagi* publicou:

Peça importante em Monte Alegre, tão importante como as próprias máquinas de papel, é o dr. Karl Zappert. Diretor Técnico da Fábrica, sôbre seus ombros pesa uma grande parte da vida de Monte Alegre, cuja razão única de existir é devido a êsse colosso de organização, que são as Indústrias Klabin do Paraná de Celulose S.A. Todos nós conhecemos Dr. Zappert.



Sabemos da sua bondade, do seu espírito de justiça, do seu cavalheirismo, da sua alta capacidade, do seu valor, enfim. (MARENDA, 23 nov. 1956, p. 01 – Terceiro Caderno).

Considerado um pioneiro (FERNANDES, 1974), Zappert permaneceu por quase duas décadas na Fazenda Monte Alegre. Entre as atividades por ele desempenhadas, destacam-se, para este estudo, suas colaborações para *O Tibagi*. Além de escritos sobre questões relativas à indústria, propôs-se a contar a história local. Para o jornal, seu discurso era autorizado, uma vez que conhecia todos os detalhes da formação local. Segundo o periódico, na apresentação da coluna, “não há pessoa melhor informada para o assunto que trata em seus artigos” (*O Tibagi*, 25 jan. 1949, p. 01).

Análise das fontes

A análise das colunas que compõem a *História de Monte Alegre* tem respaldo metodológico em Orlandi (2012). A opção pela análise de discurso está relacionada à compreensão de que os sentidos não estão em si mesmos, mas foram organizados a partir das relações estabelecidas no processo de enunciação, já que “as palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam” (ORLANDI, 2012, p. 43). É possível afirmar que a organização discursiva de Zappert e do jornal *O Tibagi* visava atender aos interesses do grupo responsável pelo periódico, pela indústria e pela Fazenda Monte Alegre como um todo.

A influência exercida pela ideologia à produção de sentidos foi sistematizada por Orlandi. No campo da linguística, entende-se que a ideologia é usada como uma forma de apagamento da interpretação: veicula-se uma informação a partir de uma lógica específica, contribuindo para um processo de naturalização daquilo que, na prática, é histórico e simbólico. A obliteração das relações que produzem o discurso não evidencia os processos de seleção inerentes à escrita, contribuindo para a percepção da população leitora na direção de seu enunciador.

Além dos processos de seleção, existem duas formas de esquecimento trabalhadas por Orlandi (2012) e que afetam as construções discursivas: a) o esquecimento ideológico resulta da forma como se é afetado pela ideologia; b) o enunciativo está relacionado à linguagem: a escolha das palavras significa, mesmo que nem sempre se tenha consciência dos motivos pelos quais foram escolhidas. De certa forma, é possível entender que um esquecimento pode levar a outro, atendendo aos interesses daqueles que possuem a capacidade de enunciação sobre a realidade.

Acerca da relação entre ideologia e sentidos e os tipos de esquecimentos, é possível ponderar sobre as posições assumidas no processo de organização da *História de Monte Alegre*. Karl Zappert estava inserido em um contexto ideológico em que a industrialização e a modernização eram valorizadas em âmbito nacional e local, o que possivelmente contribuiu para a ênfase dada em seus escritos aos conteúdos relativos à organização da Fazenda Monte Alegre. Entendemos que propagandear o local atrelado à IKPC, por meio da exaltação ao maquinário da indústria e instalações ofertadas aos trabalhadores, poderia conotar sentidos em relação à formação local, gerando um sentimento de dependência entre a população e a indústria.

Especificamente sobre os esquecimentos, durante a leitura dos escritos de Zappert é possível observar a ausência de informações sobre o contexto anterior à chegada da Klabin à *região do Alegre*. Acredita-se que seja resultado das duas formas de esquecimento, que se retroalimentam. Não se dizia nada a respeito do passado local porque ideologicamente entendia-se a região como um vazio (daí a necessidade da *Marcha para o Oeste*) e parte dos sujeitos que por ali exerceram seu domínio não era valorizada na *História* à época da publicação da coluna *História de Monte Alegre*.

As seleções realizadas por Zappert em relação à história que pretendia contar são manifestas no excerto a seguir:

E é assim que foi escolhido o espigão entre o rio Tibagi e o rio denominado antigamente rio das Mortandades para o lugar da futura fábrica, e a lomba bem ventilada do campo, por cima da futura fábrica, foi reservado para a cidade operária. Seguindo uma sugestão da Da. Ema Klabin, o rio das Mortandades recebeu o nome de rio Harmonia e o lugar da futura fábrica foi denominado Harmonia. (ZAPPERT, 1949, p. 07).

A referência a uma denominação anterior evidencia o conhecimento de Zappert – se não total, parcial – de um passado anterior à chegada dos industriais. A denominação Mortandade é oriunda de um episódio ocorrido no século XVIII, no qual um coronel da região, José Félix da Silva, terminou uma rixa com os indígenas¹⁴. Assim, esse não dizer, conivente com os ideais da época, estende-se a novas funções: o local passa a existir somente a partir das ações industrializantes nos *sertões do Tibagi*, conotando sentidos de gratidão em relação à indústria para o desenvolvimento de Monte

¹⁴ A respeito da denominação Mortandade, Fernandes escreveu: “A tradição registra um espetáculo de crueldade sem par, no qual os selvagens foram encurralados num morrinho onde hoje é o Hospital e o Hotel Ikapê em Monte Alegre. Não foram respeitadas, nem mulheres, nem crianças. O sangue empapou a relva e correu em filetes para as águas do riozinho próximo. Os cadáveres ficaram amontoados e por muitos dias os corvos sobrevoaram os corpos insepultos. Desde então, o rio e toda a região passou a chamar-se Mortandade, nome que só foi mudado 150 anos depois” (FERNANDES, 1974, p. 19-20).

Alegre. Ao longo dos anos essa abordagem tornou-se única, interferindo nos enunciados que se seguiram sobre a história da atual Telêmaco Borba.

É dessa maneira que Telêmaco Borba continua sendo a “cidade da Klabin” (CORAIOLA, 2003), porque as organizações discursivas passadas – com ênfase aos escritos de Zappert, que são frequentemente utilizados como bibliografia em pesquisas relativas à história local¹⁵ – permitem inferir que foi com a chegada dos industriais que se iniciou a história local¹⁶. É evidente que o incremento urbano se inicia efetivamente a partir dos feitos industrializantes, mas o próprio Zappert abre precedentes para se questionar como os não-ditos significam, dado seu notório conhecimento sobre o passado anterior ao processo de industrialização:

Foi em 1937, quer dizer apenas 12 anos atrás, que a firma Klabin, pouco tempo depois de ter comprado a Fazenda Monte Alegre, começou a planejar a instalação de uma fábrica de papel e celulose neste lugar. (...) Pouca gente morava em Monte Alegre nêsse tempo. Existia apenas a velha sede da Fazenda onde o Snr. Alcebíades Marques, sua exma. senhora e filhas sempre cuidavam dos visitantes que chegavam de São Paulo ou do Rio de Janeiro, para passar alguns dias de estudos no próprio lugar. Havia também o lugar denominado Lagôa, porém, aí onde agora existe uma pequena cidade, havia apenas algumas humildes casas habitadas pela família do Snr. Pedro Prestes, o qual todo o mundo conhece até hoje sob o nome de Pedro Lagôa, e que foi autoridade policial, e da justiça, eleito pelos próprios habitantes de Monte Alegre em número máximo de 200 almas. Fóra da Fazenda e da Lagôa havia apenas alguns acampamentos bem espalhados sobre o grande território de mais de 60.000 alqueires, e os poucos habitantes raramente se encontravam nessa vastidão. (ZAPPERT, 1949, p. 07).

Como já evidenciado, a própria tradição historiográfica da época contribuiu para a compreensão da história a partir da indústria, em detrimento de pessoas comuns, como Pedro Lagoa e as “duzentas almas” que habitavam a região e que ali construíram suas histórias. A partir da afirmação feita no fragmento acima, novos questionamentos se abrem: se os escritos de Zappert apresentam elementos de um passado anterior à IKPC, por que a história de Telêmaco Borba, tributária dos acontecimentos de Monte Alegre, continua sem referências a um passado anterior à Indústria Klabin?

De acordo com Orlandi, “as relações de poder em uma sociedade como a nossa produzem sempre a censura, de tal modo que há sempre silêncio acompanhando as palavras” (ORLANDI, 2012, p. 83). Neste sentido, é possível concluir que as lacunas de

¹⁵ Como exemplo é possível citar o livro escrito por Coraiola e intitulado *Capital do Papel*. Para escrevê-lo, o autor utilizou como fonte os textos de Zappert, alegando serem os escritos a mais valiosa pérola de *O Tibagi*, uma vez que nesse conjunto de textos foram retratados os primeiros anos do lugar (CORAIOLA, 2003).

¹⁶ Fragmentos que permitem tal inferência: “... agora em 1937 que começou o movimento em Monte Alegre, que se intensificou progressivamente nos próximos anos...” e “Os primeiros que chegaram...” (ZAPPERT, 1949, p. 07).

Zappert em relação ao passado atende aos interesses do grupo dominante, uma vez que, ao silenciar parte da história de Monte Alegre, apresenta a indústria como marco inicial do desenvolvimento local e regional.

Considerações finais

Os jornais produzem diariamente conhecimento e possibilitam a análise de diversas temáticas neles publicadas. Permitem ainda ir além: um olhar não oficial à história e à memória de determinado local. Entretanto, suas narrativas, pelas posições ideológicas que assumem, têm a capacidade de construir um discurso que pode ser apropriado como oficial, como é o caso de Monte Alegre/Telêmaco Borba.

A sistematização discursiva de Zappert, inserida em um contexto ideológico determinado em níveis nacional e local, contribuiu para que o autor, ao narrar, fizesse-o de uma maneira e não de outra. Seus não-ditos e suas ausências construíram sentidos à interpretação da história local, que foram apropriados pela Prefeitura Municipal de Telêmaco Borba para a organização da história oficial local, que se inicia a partir dos feitos industrializantes do governo de Getúlio Vargas, evidenciando o *esquecimento* do passado local e regional. Tal qual Zappert, a PMTB em sua publicação entende que aquela região era um sertão e atribui à indústria a habitação daquele território e o desenvolvimento de toda uma infraestrutura para que o empreendimento fosse possível. Esses elementos evidenciam que a compreensão da história local deriva – entre outras razões a serem pesquisadas – da capacidade de enunciação do jornal *O Tibagi*.

Admite-se a existência de outras possíveis influências à história oficial de Telêmaco Borba, especialmente no que diz respeito às relações de poder local. Entretanto, para este trabalho, optou-se por analisar um fragmento desse universo de sentidos produzidos que deram origem a sua história oficial. Por mais que a coluna de Zappert tenha sido publicada há mais de 60 anos, sua contribuição mínima está no fato de ser, até os dias atuais, utilizada como referência para os escritos a respeito da cidade, emprestando sentido ao que Pollak (1992) chamou de memória herdada¹⁷.

Essa herança contribui para a associação de elementos distantes espaço-temporalmente àquele que rememora e para a cristalização de uma história e de uma

¹⁷ Para Pollak, na organização da memória existem acontecimentos que a pessoa não experienciou por ela própria, mas que passam a fazer parte de sua memória a partir do momento que alguém do grupo com o qual ela se identifica viveu dada realidade. “São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não” (POLLAK, 1992, p. 02).

memória que, dessa maneira, passa de geração em geração com elevados graus de identificação. Publicações periódicas, como *O Tibagi*, podem ser utilizadas como referentes para a compreensão da história local, além de, por vezes, serem apropriadas por órgãos representativos, como a PMTB, como base à história oficial.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

CARVALHO, Dinizar Ribas. **Telêmaco Borba – o município: história política da capital do papel e da madeira**. Curitiba: o autor, 2006.

CORAIOLA, André Miguel Sidor. **Capital do papel: a história do município de Telêmaco Borba**. Curitiba: A. M. S. Coraiola, 2003.

FERNANDES, Hellê Vellozo. **Monte Alegre Cidade-Papel**. São Paulo: Símbolo S.A. Indústrias Gráficas, 1974.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla B. (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 111-153.

MERCER, Edmundo Alberto; MERCER, Luiz Leopoldo. **História de Tibagi**. Prefeitura Municipal de Tibagi, 1934.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso – princípios & procedimentos**. 10. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992. Disponível em: <<http://www.pgdef.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20caprar%20.pdf>>. Acesso em: 13 dez. 2017.

PREFEITURA MUNICIPAL DE TELÊMACO BORBA. **Histórico de Telêmaco Borba**. 26 maio 2017. Disponível em: <<http://www.telemacoborba.pr.gov.br/index.php/a-cidade/historico.html>>. Acesso em: 06 nov. 2017.

_____. **Plano Diretor de Desenvolvimento de Telêmaco Borba**. Perfil socioeconômico. Nov. 2005. Disponível em: <[http://www.pmtb.pr.gov.br/plano_diretor/Analise%20Tematica/perfil%20\(completo\).pdf](http://www.pmtb.pr.gov.br/plano_diretor/Analise%20Tematica/perfil%20(completo).pdf)>. Acesso em: 08 out. 2017.

SEU J. **Entrevista concedida a Ana Flávia Braun Vieira** em 24 de janeiro de 2014, em Telêmaco Borba - PR.

VIEIRA, Ana Flávia Braun; FREITAS JUNIOR, Miguel Archanjo de. Fica o que significa: história e memória de Telêmaco Borba (PR) e a produção de sentidos a partir do jornal *O Tibagi*. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**, v. 19, n. 2, p. 160-171,

maio/ago. 2017. Disponível em:
<<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2017.192.02/6207>>.
Acesso em: 13 dez. 2017.

WILLER, Marcelo Renaux. **Harmonia**: uma utopia urbana para o trabalho. 1997, 228 f. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, 1997. Disponível em:
<<http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/27148/D%20-%20WILLER%2C%20MARCELO.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 15 dez. 2017.

FONTES:

1948 - 1959. **O Tibagi**, Monte Alegre, PR, 23 de nov. 1959. Primeiro Caderno, p. 02.

23 DE NOVEMBRO de 1948 – 23 de Novembro de 1954. **O Tibagi**, Monte Alegre, PR, p. 01, 23 nov. 1954.

AVISO. **O Tibagi**, Monte Alegre, PR, p. 02, 14 dez. 1948.

HOMENAGEM. **O Tibagi**, Monte Alegre, PR, 15 dez. 1962. Segundo Caderno, p. 02.

MARENDA, João. Traços Biográficos Dr. Karl Zappert. **O Tibagi**, Monte Alegre, PR, 23 nov. 1956. Terceiro Caderno, p. 01.

O TIBAGI, Monte Alegre, PR, p. 03, 07 dez. 1948.

O TIBAGI – um ano a mais. **O Tibagi**, Monte Alegre, PR, p. 02, 23 nov. 1951.

O TIBAGI, Monte Alegre, PR, p. 01, 25 jan. 1949.

UM ANO vencido. **O Tibagi**, Monte Alegre, PR, p.01, 23 nov. 1949.

ZAPPERT, Karl. História de Monte Alegre. **O Tibagi**, Monte Alegre, PR, p. 07, 1949. Edições nº. 10 a 22.

Submetido em: 19.06.2016

Aprovado em: 01.06.2018